

AOS 76 ANOS, Mercado conta sua história: prédio foi estação de trêns; hoje, remodelado, guarda muito folclore. Correio Popular, Campinas, 08 abr. 1984.

Aos 76 anos, Mercado conta sua história

Prédio foi estação de trens; hoje, remodelado, guarda muito folclore

Dizem que depois de certa idade não se comemora mas aniversário — mais no velho Mercado comerciantes mais antigos e assíduos frequentadores jamais esquecem a data de fundação e tampouco as antigas histórias dos 76 anos de existência do comércio pioneiro de Campinas. Afinal, a data — 12 de abril de 1908 — está cravada no teto do Mercado Municipal para quem quiser ver e também o nome de quem o inaugurou: o ex-prefeito Orozimbo Maia. Ali já foi também a Estação Carlos Botelho, onde as barulhentas "Maria Fumaça" descarregavam sacas de açúcar (mascavo), fardos de arroz e feijão e feiras de frangos — tudo da região, principalmente de Cosmópolis, para abastecer a cidade.

Quem viveu essa época jamais pode esquecer as composições da Estação de Ferro Funiense que cortava a rua Antonio Lobo tendo como ponto final a plataforma do Mercado. Ela foi transferida dali para o Bonfim em meados de 1925 — "mas deixou muita saudade, pois pra gente, o apito do trem era o sinal que a fatura vinha chegando, e o di-nheiro também", lembram, saudosos, Pachola e seu irmão, Hélio Garcia. Pachola — ou, como é bem menos conhecido, Henrique Gar-

cia — dedicou nada menos do que 66 anos de seus 76 anos de vida, vendendo ali, no mesmo lugar, pimenta comari, malagueta, jurubeba, a cachaça da boa. Mas ficou famoso mesmo foi com o picadinho de carne com batada que muitos políticos, padres, poetas e gente do povo mesmo comeram e certamente guardam na lembrança — ou melhor: guardam o sabor do tempero que ele faz questão de frisar que é o "mesmo destes 66 anos".

Pachola, é verdade, tem muito orgulho do picadinho que cozinha todos os dias desde quando era apenas um garoto de calças curtas e que lhe valeu muitas amizades — até hoje preservadas com todo o carinho. Isso quando não tira uns dias de férias e vai lá pras bandas do Mato Grosso praticar seu esporte favorito: uma pescaria despreocupada.

Nem o peso da idade o faz parar de trabalhar, servindo suas cachaças para os homens do povo, desde manhã. Mas é a tarde que uma fila enorme se forma no bar que, pode parecer incrível, não tem balcão — só cozinha. Trabalhadores chegam ali sedentos e vão logo pedindo sua "amarelinha" que tomam num só gole e se vão para o Terminal I — bem ali na frente.

Nas três mesas — na verdade duas, porque uma fica forrada de queijos, doces e salgadinhos — os velhos amigos se sentam, dispensam a cachaça para saborear uma cerveja.

Uma história

Foi numa dessas mesas que Pachola contou apenas um pouquinho da história do Mercado ao repórter. Não quis

acompanhar na cerveja — um pouco gripado. Mas Hélio, há 50 anos trabalhando com o irmão, não fez cerimônia e acompanhou nuns copos. Estava feita a roda para lembrar "os bons tempos". Mas veio mais gente — todos da época da Funiense.

Pachola não se senta.

Fica enchendo os copinhos de cachaça, conversando e tentando lembrar, com certa dificuldade, como ele mesmo admite, o que já se passou ali. "Muita coisa passou pela minha cabeça e não dá para lembrar de estalo... Comecei moleque ainda e não parei até hoje. Lembro das reformas e dos políticos que passaram e ainda passam por aqui para comer o picadinho".

Mas ele jamais se esqueceu de um episódio que não só abalou o Mercado, como toda a cidade — e talvez até o País. Foi em 1945, quando uma jardineira pegou fogo e morreram mais de 20 pessoas queimadas. "Disso não me esqueço nunca mesmo porque, até há alguns anos atrás, o pessoal acendia uma vela no dia do acidente".

Hélio confirma e diz que morreu muita gente, mas o número exato é difícil, "faz 39 anos. É muito tempo". Poucos minutos de conversa e aparece a figura que foi durante muitos anos o líder dos comerciantes do Mercado: Antonio Santagata de 68 anos, 42 deles vividos ali, ora como comerciante, ora com frequentador. Todos ali o conhecem como "Tim". Ao contrário da maioria não bebe nem pinga nem cerveja: só uísque sem gelo.

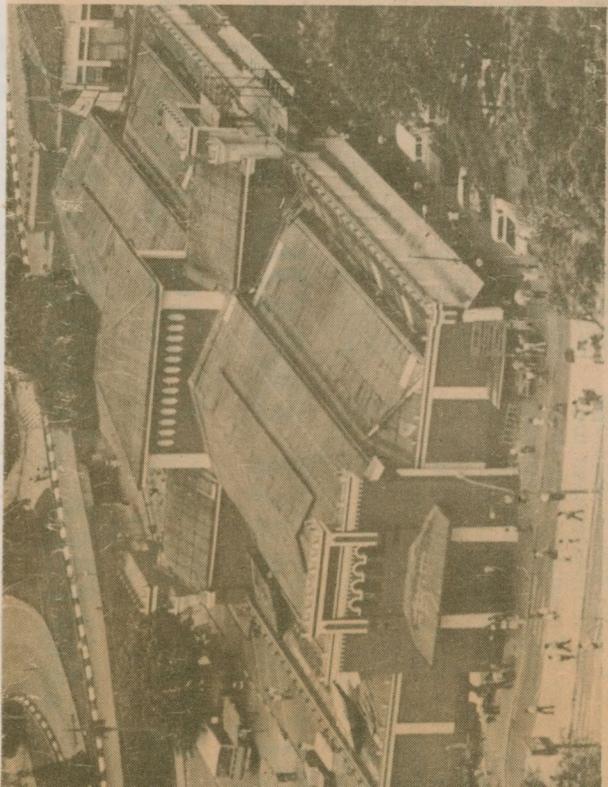
Além de líder dos comerciantes — ele tinha um acougue no Merca-

dão — Tim foi candidato a vereador pelo extinto PL — Partido Libertador, e lembra, saudoso, "que era o mesmo partido de Rui Novaes. "Participei das eleições de 60, não tenho certeza, se é 61, e perdi. Ou melhor: fiquei como suplente. Mas valeu, porque Rui Novaes deu força para o Mercado".

Lembrando os tempos de que era um próspero comerciante, Tim não se intimida dizendo que só sai do Mercado "quando me colocarem o terno de madeira. Por isso aqui dediquei minha vida... Bata-lhei bastante. Veja que gosto tanto que me lembro inclusive dos nomes dos marchantes (antigos distribuidores de carne), como Luiz Orsade, Décio de Almeida, Otacílio Pires de Carnargo, pai do treinador Cilinho... E de muita gente boa que por aqui passou".

Mais algum tempo e chega na mesa, já empunhando uma cerveja, Décio de Souza Teixeira, o "Barriga" que dos seus 58 anos de vida pelo menos 47 frequentou o Mercado. "Isso aqui mudou muito... para melhor, é lógico. Antes, me lembro bem, vinha o pessoal a cavalo, parava no chafariz para dar água aos animais. Tinha os bondes... E é incrível, rapaz, como o movimento daqui nunca diminuiu, sempre ali na média boa".

Todos no entanto lembraram do antigo Grupo Escolar "Correia de Mello", que funcionava bem defronte o Mercado e que deu lugar ao Terminal I. No dia 12 próximo, todos eles prometeram tomar um aperitivo pelos 76 anos de existência do que, para eles, representa nada menos que suas vidas.

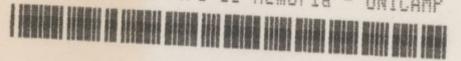


velho prédio ganhou pintura nova e um estacionamento; mas em seu interior, as antigas bancas e bares ainda guardam muito folclore, lembrados por Pachola



JFT 8.3.4.1.6-2

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE035850

HOJE, mudaram o prédio e também o cotidiano. Correio Popular, Campinas, 08 abr. 1984.

Hoje, mudaram o prédio e também o cotidiano

O velho Mercado realmente mudou. Começando da fachada: seu azul-claro foi substituído há pouco tempo por um marrom tijolo; o prédio já foi tombado como patrimônio histórico do município; o antigo leito do trem e as paradas das carroças agora é estacionamento de carros controlado pela Setec — e enfim, muita coisa foi se transformando no tradicional comércio de Campinas.

Os hábitos e costumes também se transformaram com o tempo. O Mercado de hoje tem histórias violentas, cunhadas certamente pela modernização da cidade, pelos assaltos, crimes e pela contravenção. Ali também é, de uns tempos

para cá, o campo de batalha dos camelôs marreteiros que geraram um certo folclore para o mercado.

Mas nem por isso pacatos cidadãos e famílias tradicionais deixam de fazer suas compras nas inúmeras bancas de frutas e verduras, ou então nos açougues e peixarias. E nem as mais variadas classes sociais da população deixam de adquirir seus mantimentos nos armazéns e mercearias dali.

O que talvez mais tenha impressionado a população são as ações dos marginais — por ser ali um ponto convergente de milhares de pessoas que compram, tomam ônibus ou simplesmente circulam na redondeza. Hoje,

por exemplo, o Mercado e ruas e praças das imediações são os locais preferidos dos papeiros — jogadores trapaceiros de cartas e dedais. E também ponto preferido dos batedores carteira — e ali já foi palco de assassinatos e brigas entre marginais.

Porém é difícil desmontar a imagem do velho Mercado na cabeça da população e manchar sua tradição na história de Campinas.

E foi ali que ocorreram as primeiras manifestações convocando a população a participar do comício pedindo o restabelecimento das eleições diretas — e de tantas outras manifestações populares. Até cultos religiosos já se realizaram ali.